

OS SABERES DA VIDA QUE NASCEM DA MORTE – estudo de invisibilidade social,
saberes populares de coveiros e Direitos Humanos.

COSTA, Clovis Martins – Discente do Programa de Mestrado em Educação do UNISAL, Americana/SP. clovismcosta@uol.com.br

LIRA, Lucivaldo Paz de – Discente do Programa de Mestrado em Educação UNISAL, Americana/SP. lucivaldo.lira@gmail.com

VASCONCELOS, Valéria Oliveira de – Docente do Programa de Mestrado em Educação UNISAL, Americana/SP. valvasc2013@gmail.com

EIXO TEMÁTICO - POLÍTICAS PÚBLICAS: DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO

RESUMO

Este artigo tem como objetivo promover uma discussão sobre invisibilidade social, tendo como universo de pesquisa os cemitérios, de maneira mais específica, a aproximação com trabalhadores que desenvolvem suas atividades nesses espaços. O processo de invisibilidade social ocorre com profissionais em diversos espaços da sociedade e mostra uma face complexa do convívio social. Com os coveiros tivemos a oportunidade de partilhar um pouco de sua visão de mundo, quando eles se propuseram a expressar de forma livre seus pensamentos com relação ao reconhecimento profissional, às questões de remuneração ao reconhecimento (ou não) por parte da comunidade. Mostraram ainda seus desejos, anseios e conhecimento de vida, tendo como base suas experiências de vida na lida com o sofrimento humano. Neste sentido, e imbuídos do desejo de mostrar a realidade profissional e social dos coveiros, realizamos uma pesquisa objetivando entender de que forma eles aprendem e ensinam, num processo de troca e construção de conhecimentos.

PALAVRAS CHAVE: Invisibilidade Social. Coveiros. Educação.

ABSTRACT

This article intends to promote a discussion of social invisibility having the cemeteries as the research universe, more specifically, workers who develop their activities in these spaces. The process of social invisibility happens with several professionals in different areas of society, showing a complex side of social relations. The gravediggers observed and interviewed in this study had the opportunity to show a little of their world view, and freely express their thoughts related to professional recognition, whether it regards to remuneration issues as to the recognition by their community. They also showed their wishes, desires and knowledge of life, based on their life experiences in dealing with human suffering. In this sense and imbued with the desire to show the professional and social reality of gravediggers, we conducted a survey aiming to understand how they learn and teach in a process of exchange of knowledge.

KEYWORDS: Social Invisibility. Gravedigger. Education.

INTRODUÇÃO

O Brasil, bem como outras nações das Américas, tem como modelo de civilização e educação o *eurocentrismo*, assim, “enquanto centro do poder, o Norte se acostumou a ‘perfilar’ o Sul. O Norte ‘nor-teia’ o Sul” (FREIRE 2002). Neste sentido fornece orientações a partir de uma visão ideológica oriunda da Europa, com o intuito de reforçar o conceito de superioridade diante do “Sul”.

O esforço de se promover esta pretensa superioridade considera apenas a necessidade de se reafirmar o processo de dominação, há muito tempo impregnado no contexto sociocultural dos países sul-americanos. Contudo, é importante que se perceba que as culturas e os processos civilizatórios e de educação acontecem de formas diferentes em cada nação. Isso ocorre por diversos fatores, dentre eles, destacam-se que cada localidade possui suas peculiaridades e seus preceitos educativos, e esta é sem dúvidas uma das formas de se produzir conhecimentos.

Esta preocupação sempre fez parte dos pensamentos de alguns dos teóricos e educadores latino-americanos.

Nesse sentido, a pretensão eurocêntrica de ser a exclusiva produtora e protagonista da modernidade, e de que toda modernização de populações não-europeias é, portanto, uma europeização, é uma pretensão etnocentrista e além de tudo provinciana. Porém, por outro lado, se se admite que o conceito de modernidade se refere somente à racionalidade, à ciência, à tecnologia, etc., a questão que estaríamos colocando à experiência histórica não seria diferente da proposta pelo etnocentrismo europeu, o debate consistiria apenas na disputa pela originalidade e pela exclusividade da propriedade do fenômeno assim chamado modernidade, e, em consequência, movendo-se no mesmo terreno e com a mesma perspectiva do eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 123).

O aprofundamento do estudo do legado deixado por educadores como Paulo Freire e Enrique Dussel permitiu que esta pesquisa fosse realizada, tendo como foco o processo de invisibilidade que ocorre em nossa sociedade.

O presente artigo tem como proposta apresentar um estudo realizado com uma categoria de profissionais que tem sua existência, importância e reconhecimento invisibilizados. A invisibilidade não é uma categoria social, mas uma situação ou uma realidade de onde emerge o sentimento de “desprezo social” (HONNETH, 2004). Neste sentido, e imbuídos do desejo de denunciar a realidade profissional e social dos coveiros, realizamos uma pesquisa na qual ouvimos alguns desses profissionais com o olhar de quem quer entender de que forma eles aprendem e ensinam, num processo de troca de conhecimentos. Para Gadotti (2003), isso converge com o fato de que a educação pode dar um

passo na direção deste outro mundo possível, se ensinar as pessoas com um novo paradigma do conhecimento, com uma visão do mundo na qual todas as formas de conhecimento tenham lugar, se dotar os seres humanos de generosidade epistemológica, um pluralismo de ideias e concepção que se constitui na grande riqueza de saberes e conhecimento da humanidade.

O saber que nasce no meio da sociedade não deve ser considerado maior ou menor, mas sim respeitado, invertendo a lógica de que o saber da academia, pautado em referenciais eurocêntricos, seja mais importante que o saber que nasce na comunidade, conforme Quijano apresenta:

Problematizar a relação entre saberes e territórios é, antes de tudo, por em questão a ideia eurocêntrica de conhecimento universal. Com isso não queremos recusar a ideia de que o conhecimento seja universal, mas, sim: retirar o caráter unidirecional que os europeus impuseram a essa ideia (eurocentrismo), e afirmar que as diferentes matrizes de racionalidade constituídas a partir de diferentes lugares, os topoi de Boaventura de Sousa Santos, são passíveis de serem universalizados, o que nos obriga a considerar os processos por meio dos quais os conhecimentos podem dialogar, se relacionar. Enfim, o que se visa é um diálogo de saberes que supere a colonialidade do saber e do poder. (QUIJANO, 2005, p. 174).

As pesquisas em Educação podem (e devem) contribuir para romper a invisibilidade e o preconceito, evidenciado pela compreensão cultural que se tem sobre a morte. Dessa forma, é necessário estabelecermos um diálogo mais próximo entre a sociedade e os invisibilizados, por meio de uma educação em Direitos Humanos que seja entendida como um processo sistemático e multidimensional que orienta a formação do sujeito de direitos, tendo como uma de suas dimensões a afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos Direitos Humanos em todos os espaços da sociedade, contribuindo para que, a partir do diálogo, da compreensão de sua visão de mundo e do respeito aos saberes, estes cidadãos se tornem visíveis.

O presente estudo tem como proposta, portanto, investigar o processo de ensino aprendizagem a que estão submetidos grupos acometidos por processos de invisibilidade. Sendo assim, a base da metodologia de investigação foi a pesquisa etnográfica, que tem como ponto de partida a interação entre o pesquisador e seus sujeitos de estudo (FONSECA, 1999).

Por ser baseada no cotidiano e no subjetivo, a etnografia se configura como uma forma de pesquisa qualitativa que alcança resultados importantes, principalmente em pesquisas relacionadas à educação e que busque conhecer resultados voltados para o coletivo.

Nesse método de pesquisa, o sucesso do contato educativo depende do diálogo estabelecido entre o agente e seu interlocutor (FONSECA, 1999). Neste sentido, faz-se

necessário entender o que está sendo dito pelos interlocutores, a fim de estabelecer um contato que produza e reproduza a realidade de forma mais fidedigna.

O estudo com os coveiros nos permitiu uma rica interlocução, uma vez que pudemos aprender com seus conhecimentos e saberes populares. Além disso, percebemos que muito do que eles trouxeram em seus diálogos vão ao encontro das teorias e pensamentos de intelectuais como Dussel e Freire, principalmente no que tange à forma de troca de saberes que serve como alicerce para a construção da educação.

PRIMEIROS PASSOS

O estudo foi realizado em um município do interior do estado de São Paulo e o contato inicial foi realizado através da Secretaria Municipal de Obras, onde solicitamos as devidas autorizações para a realização da pesquisa nos dois cemitérios do município.

Uma das informações obtidas na Secretaria de Obras foi de que os servidores do setor (coveiros) tinham pouco estudo e que isso poderia influenciar negativamente na produção da pesquisa, uma vez que eles, na opinião dos técnicos que consultamos, poderiam *não saber prestar algumas informações* que pudéssemos necessitar. Contudo, a autorização foi concedida sem objeções.

Para cada participante da pesquisa foi feita uma identificação como forma de resguardar sua identidade pessoal e manter o compromisso ético por parte dos pesquisadores. Assim, os profissionais foram identificados com nomes fictícios de: Jorge, Antônia e Pedro. Na primeira visita ao cemitério Municipal fomos recebidos por um dos coveiros, que se demonstrou muito empolgado com a possibilidade de falar sobre seu trabalho se encarregando, assim, de reunir os demais sujeitos para as entrevistas.

QUEM SÃO OS SUJEITOS

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) define que: os coveiros atuam nos auxiliares dos serviços funerários, construção, preparação, limpeza, abertura e fechamento de sepulturas. Realizam sepultamento e exumação de cadáveres. Também são atribuídos a eles os serviços de conservação dos cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério (MTE/CBO, 2002).¹

¹ Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 02 junho de 2015.

As entrevistas foram realizadas com três dos seis coveiros que desenvolvem suas atividades nos cemitérios do município, sendo dois homens e uma mulher. Os demais coveiros se encontravam de férias e, por este motivo, não puderam participar das entrevistas.

Os entrevistados foram: *Jorge*, 59 anos, casado, 4 filhos, ensino médio completo; *Antônia*, 44 anos, casada, 3 filhos, ensino fundamental incompleto; *Pedro*, 37 anos, solteiro, 2 filhos, ensino médio completo.

A VOZ DOS SUJEITOS

No primeiro contato, os coveiros se mostraram muito receptivos e esperançosos de que o resultado da pesquisa pudesse apresentar para a comunidade um pouco do trabalho que eles desenvolvem, desmitificando, assim, “pre-conceitos” que por várias vezes eles disseram sentir com relação ao tratamento que recebem de grande parte das pessoas.

Na segunda visita, ocasião em que os dados foram coletados, as entrevistas aconteceram nos cemitérios da Saudade, onde conversamos com Pedro, entrevistado individualmente, e no Cemitério Municipal, onde entrevistamos Antônia e Jorge, de forma conjunta.

Durante a entrevista realizada no cemitério municipal, observamos que Pedro, do cemitério da Saudade, tentou por várias vezes fazer contato para confirmação da entrevista. Com isso pudemos intuir que o anseio por ser ouvido, por poder expressar suas opiniões em relação ao trabalho e de ser visto, no sentido de dar vazão aos seus sentimentos, era muito grande.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas com os sujeitos abriram possibilidades de vistas para diferentes perspectivas em relação às suas vidas, bem como aos seus papéis sociais que são afetados pela atividade profissional que exercem. De nosso diálogo, franco, interessado e aberto, foram surgindo conteúdos expressivos que nos orientaram a designar como referências significativas para a organização da exposição que ora passamos a fazer.

Invisibilidade e necessidade de se tornar visível

Desde o primeiro contato com os sujeitos, ficou muito evidente a necessidade que eles tinham de falar de si, de suas vidas e de suas atividades. A disponibilidade demonstrada desde logo fazia-nos pensar o que mais tarde viria a ser confirmado com as entrevistas: o sentimento de não serem vistos, de não serem percebidos pela sociedade e a grande

necessidade de se tornarem visíveis, de serem reconhecidos como trabalhadores, como cidadãos e como pessoas.

Em muitos momentos, na entrevista, os coveiros demonstraram o desejo de falar, de se mostrar à sociedade, de divulgar o que fazem como que num gesto de que essa sociedade os veja e os reconheça. Um exemplo foi a fala de Jorge referindo-se ao seu trabalho:

“Eu, se fosse político, a primeira coisa que eu faria, seria divulgar informações, como disse para você, tenho um monte de informações, observações, jornais, tudo sobre o coveiro e vou fazer um site, para esclarecer um pouco à sociedade sobre que é o cemitério, porque até hoje ninguém lá fora sabe o que é, porque na realidade, nem o prefeito que paga nosso pagamento sabe o que nós fazemos”.

Em outro momento da entrevista, Antônia, também expressa esse sentimento de “inexistir” para a comunidade. Ela diz:

“...tem gente que nem sabe que nós existimos, que depende de um coveiro para fazer (enterro), nem sabe que tem essa profissão de coveiro”.

Pedro também fala desse sentimento de abandono, de esquecimento por parte de muitos dessa comunidade, a quem ele presta serviços essenciais:

“Veja, poucas pessoas sabem do coveiro, ele é uma pessoa que fica no canto dele.”

Ainda, Pedro, por várias vezes, fala do anonimato em que vive a profissão e as pessoas que nela trabalham. E, como os seus colegas, denuncia essa condição e reivindica um espaço, de divulgação, para que outros saibam, também, da sua existência. São suas falas:

“Seria legal se colocassem, um dia no jornal, os coveiros, assim, esses caras, uma pauta assim, um reconhecimento nessa parte. E nas escolas, também, divulgar o que o coveiro faz, muita gente deve ter curiosidade de saber”.

“Um repórter aqui da cidade que tinha um jornal, mas veio para mostrar coisas do cemitério, pontos críticos e não para mostrar o coveiro”.

Como educadores, e pesquisando processos educativos, saltou-nos à memória a lembrança de tantas reportagens vistas retratando ambientes escolares quando, analogamente à descrição de Pedro, os repórteres mostram situações da Escola, mas evitam mostrar os professores e suas questões. Num outro momento, Pedro e Jorge, de outra forma, explicitam esse sentimento de falta de consideração, não reconhecimento e invisibilidade:

“Existe dia de tudo, dia do gari mas não existe dia do coveiro”.

A situação da invisibilidade, percebida como “desprezo social”, conforme entende Honneth (2004), fica bem evidenciada nas manifestações dos entrevistados.

Denúncias de realidades opressoras

Os nossos contatos e a nossa convivência com os coveiros foram bastante intensos e fluíram num clima muito agradável e amistoso. A entrevista se desenvolveu de modo com que eles se sentissem bastante livres e confortáveis para explorar vários temas que lhes interessavam.

Suas falas, a partir de nossos questionamentos, muitas vezes iam por outros caminhos, denunciando condições opressoras por eles vividas. O não reconhecimento em termos de remuneração digna foi uma dessas denúncias que apareceram várias vezes e na fala de todos os entrevistados. Estabeleceram comparações com outras categorias de servidores municipais, como garis, pedreiros, ajudantes gerais, e defenderam a importância de suas atividades e reclamaram de seus baixos salários, aliás, segundo eles, os mais baixos na tabela de vencimentos da municipalidade. São exemplos:

“Na folha tem uma relação de salário e o nosso é o último, o mais baixo”.
(Jorge e Pedro) *“...eu tenho que agradecer a Deus mas a gente ganha menos que o ajudante de pedreiro e a gente faz o serviço de pedreiro”.* (Pedro)

Tendo a Educação como um lugar de referência, ao ouvir as denúncias desses trabalhadores, por analogia, lembramo-nos de queixa semelhante, e constante, da maioria dos professores trabalhadores nas redes públicas de ensino, que reputam os seus salários entre os menores das folhas de pagamentos das instituições.

E a nossa reflexão encontra eco em Oliveira et al (2014, p.120) ao afirmar que: “Ao buscar a compreensão da pobreza, por exemplo, não se pode deixar em segundo plano a pessoa em situação de pobreza”.

Ainda, nesta direção, algumas pessoas são consideradas excluídas e invisíveis para as autoridades, eleitas e constituídas, que não os conhecem e nem os reconhecem. Sentem-se desvalorizados e indefesos em seus direitos. A argumentação legal sempre lhes é trazida como um empecilho para uma revisão ou melhoria de seus salários e assim a Lei não é percebida, por eles, como um instrumento para fazer justiça social mas sim, como sinônimo de exclusão. Exemplifica essa denúncia um depoimento de Pedro:

“...o que a gente não tem é uma liderança que brigue pela gente, que leve a causa, que diga ‘olha precisa olhar por esses caras aí, e tal’”.

Referindo-se a uma antiga reivindicação, relativa a condições insalubres de trabalho, ele acrescenta:

“...não ganha a insalubridade que deveria ganhar. Ganha 20%, o mesmo que pedreiro. Nós mexemos com bactérias, enfim, o mínimo seria 40% de insalubridade. E já houve quem lutasse pelos 40% mas aí dizem ‘não, mas é a lei’, não pode, não pode”.

Abordaram, também, suas condições de trabalho, a falta de infraestrutura, a falta de uniforme adequado, a falta de equipamentos de proteção, a insalubridade, os riscos para a saúde, própria e dos familiares, a falta de conforto. Abrem covas, no chão, com medidas aproximadas de 2,00 m. de comprimento por 0,70 m. de largura por 1,20 m. de profundidade. Trabalham dentro de jazigos profundos na limpeza de gavetas, bem como no sepultamento, em dias de sol chegando a uma temperatura de 40 graus. Fazem exumação de cadáveres, seja após 05 anos do sepultamento, prazo legal para remoção em caso de novo sepultamento no mesmo espaço ou, ainda, a qualquer tempo, atendendo à exigência da Lei para esclarecer circunstâncias da morte. Considerando a especificidade da atividade, há uma exigência de plantão, durante o período diurno, incluindo finais de semana e feriados. Ainda assim, há uma queixa por espaços mínimos de conforto para as refeições, descanso e abrigo em momentos de chuva ou frio, em que não estejam trabalhando. O espaço que utilizam, atualmente, é extremamente pequeno, acanhado e é o mesmo que abriga as ferramentas. Onde há dependências de administração, elas ficam fechadas fora de seus horários de expediente, mesmo a antessala que poderia abrigá-los. As falas seguintes exemplificam algumas dessas condições:

“A sala fica fechada e nós temos que ficar no tempo, só fica aberta de segunda a sexta feira quando o pessoal do escritório está aí”. (Jorge e Antonia) “... você mexe com cadáver, faz exumação, mexe com ossos, enfim, ... e muitas das vezes você se depara com situações tenebrosas. Às vezes você vai tirar um corpo e ele está intacto, às vezes encara coisa louca mesmo. Por exemplo, você vai fazer uma exumação com 3, 4, 5, 6 dias de uma pessoa que foi sepultada como indigente, um homicídio, que depois a família apareceu e pede no IML para examinar. A gente não mentaliza o cheiro, o cheiro é terrível, fede mesmo”. (Pedro)

Toda essa expressão denunciante que parecia estar sufocada e agora se apresenta a nós não nos deixa apáticos, mas, antes, empáticos e desejosos de contribuir para que tais vozes possam ser ouvidas por mais gente. Remete-nos, também, a reflexões sobre outras tantas categorias de trabalhadores que enfrentam condições de trabalhos pouco dignas ou, mesmo, indignas e, mais uma vez, lembramo-nos dos professores, especialmente dos que trabalham com os mais pobres, visíveis na teoria, mas invisibilizados nas políticas e nas

práticas públicas. Conforme explicitado por Oliveira & Stotz (2004): “A convivência permitirá perceber o que cotidianamente aflige as pessoas repensando o trabalho coletivo e pensando políticas públicas mais condizentes com a concretude do cotidiano.”

Anúncios de possibilidades libertadoras

O nosso encontro com essas pessoas pareceu, por si, uma esperança de vez e voz junto ao mundo que está diante e distante delas. A entrevista era sempre costurada de queixas, denúncias e anúncios de possibilidades libertadoras. No primeiro contato com um deles isso já ficou evidenciado. Desejos de sair desse mundo *morto*, de fantasmas, para o mundo *vivo*, para serem olhados e vistos como pessoas dignas.

Cientes de que ali representávamos a Academia, ou a Educação, ou a Escola, era visível o sentimento, em todos eles, de que se sentiam escutados, como pessoas, e a confiança de que viriam a ser vistos e conhecidos por mais pessoas interessadas neles. Jorge é explícito nesse desejo quando diz:

“... a sociedade nunca teve esclarecimento a respeito, nas escolas, igual vocês estão fazendo, interessante, isso é lindo, quando ele [Lucivaldo] veio falar comigo, no Cemitério lá de cima, eu falei ‘que benção eu estou com ideia de fazer o povo esclarecer e vocês vêm’, vocês estão antecipando as coisas, que coisa mais linda, é assim que tem que ser na sociedade, um dando a mão para o outro. Explicar que o cemitério não é o inferno não é coisa de outro mundo, o cemitério está (inserido) no dia-a-dia da sociedade”.

Falam de seus planos para mostrar à sociedade que eles *existem* e que têm valor. Um deles reúne material farto para criar um site e divulgar as atividades do coveiro. Quer conscientizar a população sobre o que é o cemitério e a morte, e seus planos vão no sentido de desmistificar o imaginário popular e propor uma reflexão sobre a inserção destes temas no cotidiano da vida. Este site, segundo ele, daria mais visibilidade ao coveiro e ajudaria na defesa de seus direitos.

Outro sonha com uma reportagem num jornal que mostre e valorize este mundo do trabalho relacionado com a morte. Palestras em Escolas de ensino regular também constam dos planos para, igualmente, desmistificar o assunto “cemitério” e “morte” num convite à reflexão sobre a vida e seus valores, para, a partir da consciência da morte, despertar para uma convivência mais amorosa entre as pessoas pautada em valores mais perenes.

A aproximação com esse segmento de pessoas invisibilizadas socialmente e seus anúncios de possibilidades de saídas libertadoras nos remetem à reflexão de estudiosos

igualmente ocupados desse assunto em termos de práticas educacionais, como observado por Oliveira et.al (2014):

Esses saberes construídos fora da escola não podem e não devem permanecer fora dela. Precisamos conhecer esses saberes e aprender a relacioná-los aos saberes escolares, de forma que o que é aprendido fora da escola possa colaborar com o que é aprendido dentro, e vice-versa.

As possibilidades libertadoras tornam-se mais possíveis na medida em que vamos nos conscientizando dessa evidência da necessidade de interlocução entre os ensinam e aprendem dentro e fora dos muros da Escola. E vão se efetivando a partir das brechas encontradas ou criadas para tal investimento.

O que aprendem

Ainda que vivendo na invisibilidade, os coveiros mostraram que muito aprendem com e a partir da sua prática profissional. A situação de invisibilidade esconde com ela muitos saberes aprendidos que o contato com eles nos possibilitou ver. São aprendizagens a partir das relações estabelecidas com a morte e as situações que a envolvem no seu cotidiano. Algumas vêm de sua reflexão solitária por entre os túmulos, ou a partir da exumação de um cadáver, ou da limpeza de uma sepultura, da abertura de uma cova nova no chão, do descanso sentado sobre um túmulo... Outras vezes vem da relação com familiares em situações de preparativos ou execução de sepultamentos, lidando com a dor da perda do ente querido, às vezes uma criança, um filho pequeno, às vezes de um pai, de uma mãe... Outras ainda da arrogância com que são procurados nessas ocasiões ou então do profundo respeito, humildade e reconhecimento de alguns.

Aprendem que a vida é finita, acaba! E falam dessa verdade com uma autoridade ímpar, carregada de um respeito igualmente ímpar e bonito que escapa à fala do senso comum aparentemente igual. Pedro tem um relato nesse sentido:

“...Por isso eu falo, em vida, pró humano faça em vida, depois que tiver morto, aí é guardar, zelar e respeitar”.

Percebem o quanto essa obviedade não é tão óbvia para muitas pessoas que são surpreendidas com ela. E mais, quantas outras tantas pessoas se chocam e até entram em depressão ao se verem obrigadas a lidar com essa realidade, pois pareciam nunca antes ter tomado consciência de que ela existe e é uma etapa da vida, a última. Os sujeitos participantes aprendem e nos ensinam que a morte faz parte da vida, que a percepção da morte pode dar

sentido à vida, que a consciência da finitude da existência pode ressignificar a vida, enaltecer os valores da convivência, da solidariedade, da fraternidade, do amor ao próximo. Algumas expressões deles dão a dimensão desses saberes aprendidos:

“Com a profissão aprendo a valorizar e a respeitar tudo, né, enquanto estou vivo. Porque se imaginando vivo tenho que agradecer, tenho que estar feliz por mais que tenha dificuldade, eu só tenho a agradecer”. (Pedro)

“Aprendo que a nossa vida é valorosa, temos que respeitar qualquer ser humano, independente de cor, raça ou credo, se é rico ou pobre. Alguns tiveram mais sorte na vida mas não cabe desrespeitar ninguém”. (Pedro)

“Aprendem a ser mais humildes, a tratar melhor as pessoas, minhas filhas têm aprendido, eu tento ensinar a elas”. (Antônia)

É um aprender vivido, ainda que a partir do contexto de morte, muito vivido! É uma aprendizagem significativa, elaborada a partir da prática, do visto, do sentido, do tocado, do feito. Parece muito representativo do sintetizado por Paulo Freire (FREIRE, 2001, p. 11):

Saberes do corpo inteiro dos dessemelhantes, saberes resultantes da aproximação metódica, rigorosa, ao objeto da curiosidade epistemológica dos sujeitos. Saberes de suas experiências feitas, saberes “molhados” de sentimentos, de emoção, de medos, de desejos.

O que ensinam

O psicólogo norte americano, Carl Rogers, um dos mais influentes do século XX, desenvolveu, também, uma teoria educacional denominada de aprendizagem centrada na pessoa, na qual defende que a aprendizagem só se dá quando o tema, o assunto ou o conteúdo, é significativo para a pessoa, para a sua vida. E, assim, questiona a possibilidade do “ensinar” em si, apostando muito mais na possibilidade do aprender. Ele diz: "Não podemos ensinar alguém diretamente; só podemos facilitar seu aprendizado" (1992, p.444)

No contato com os entrevistados, ouvindo-os sobre sua vida, seu trabalho, suas experiências e relações, foi possível perceber que eles ensinam muita coisa a partir de sua profissão, ou, possibilitam que aprendam com eles. Questionados sobre o que ensinam, eles, próprios, falam mais em aprendizagem do que em ensino. Jorge entende que o povo sabe pouco sobre as questões que envolvem a morte, o cemitério e o trabalho dos coveiros:

“O povo que está lá fora não sabe nem 2% do que nós fazemos aqui, não sabem e, muitas vezes, não se interessam também, por medo, agora os que interessam eu mesmo procuro orientar, tranquilizar, informar que aqui é nossa última morada quer queira quer não”.

Sobre o mesmo assunto Pedro também tem uma fala:

“Com certeza, uma palestra seria muito interessante, importante mostrar a consciência do que é a vida, o orgulho, os princípios, os valores das

...pessoas, uns tem que amar mais os outros. Por quê, eu tendo mais, tenho que pisar o outro se o final da trajetória vai ser a morte”? (É a morte?) “É a morte, nós nascemos, vivemos e muita gente tenta colocar uma máscara na morte, mas você pode correr, você pode... não tem jeito, o final da história é esse”.

Jorge também tem o que dizer sobre isso e, ainda que entrevistado distante de Pedro, o que diz traz, implícito, um desejo semelhante:

“...só não tem palestra para você saber o que acontece com seu ente querido, a sociedade nunca teve esclarecimento a respeito, nas escolas, igual vocês estão fazendo, interessante...”

O aprender e o ensinar, também aqui, se dão na relação, no dia a dia, na vivência e na convivência, no trabalho, na vida, numa via de mão dupla, como bem percebeu Paulo Freire (1996, p.15):

...quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender e que o aprender precedeu do ensinar. É de suma importância que exista dentro de quem ensina, uma vontade de sempre aprender; acompanhada de vontade, garra, imaginação entre outros tudo devidamente dosado.

Ainda que despreziosos de ensinar, quando perguntados, os coveiros falam do que gostariam de ver, aprendidos, nos outros, a partir de sua experiência:

“...cada um teve sua história, história de vida da pessoa, aqui não é um lugar assombrado, não tem nada, é um lugar onde já houve pessoas que têm a sua história. Quem morreu não acabou porque existe uma história da pessoa, ainda. Eu pediria para a família respeitar a história da pessoa, que foi deixada...” (Pedro)

É bonito perceber nessa fala, que brota da sabedoria da reflexão a partir da morte, o estreito vínculo do saber popular com o saber acadêmico. Um saber que se dá na história, em ambas as instâncias, e não fora dela. Paulo Freire (2001, p.18-19) que tanto valorizou essa educação a partir da vida vivida, expressa essa sintonia:

... O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo (...) A história é tão vir-a-ser quanto nós (...) quanto o conhecimento que produzimos. (...) Seria impensável um mundo onde a experiência humana se desse fora da continuidade, quer dizer fora da História. (...) Não podemos sobreviver à morte da história, que por nós feita, nos faz e refaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escolhemos entrevistar coveiros, por considera-los entre as categorias de profissionais invisibilizados socialmente, tínhamos uma perspectiva de encontro com essas pessoas e de conhecer um pouco de seus saberes, pois já partíamos do pressuposto de que teriam algo a compartilhar conosco a partir de sua prática profissional. A surpresa foi o quanto pudemos aprender com eles em tão pouco tempo.

Seus saberes nos surpreenderam na riqueza de reflexão e elaboração veiculados por falas carregadas de sentidos muito próximos de grandes teóricos e estudiosos que se debruçaram sobre os processos educativos que se dão nas práticas sociais. E ficam inevitáveis perguntas como “quem aprendeu com quem?” ou “quem ensinou a quem?”.

Convivendo com a morte, diariamente, refletem sobre ela e sobre a vida, a própria e a dos outros. Refletem conosco sobre a beleza da vida, os valores essenciais como o respeito às diferenças, a compreensão, o amor entre as pessoas. Valores que não terminam, como expressa o coveiro Pedro

“cada pessoa tem a sua história, que não termina com a morte... o cemitério não é um lugar de assombração mas, antes, um lugar de história, história das pessoas”.

Pudemos perceber e confirmar a reprodução de um sistema que classifica as pessoas em classes sociais e as discrimina hierarquicamente em classes mais baixas tendo-as como inferiores negando sua cultura e seus saberes. São vistas naturalmente a serviço das classes superiores. Daí, sem negar a sua importância e essencialidade na vida da sociedade como um todo, ignoram-nas, tornam-nas quase objetos e as fazem invisíveis.

A partir da reflexão feita percebemos o quanto as políticas públicas educacionais e de direitos humanos têm estado afastadas das reais necessidades dos invisibilizados. E questionamo-nos sobre quem seriam os interlocutores sociais na mediação entre estes mundos: o “visível” e o “invisível”.

O contato direto com essa situação de invisibilidade ampliou nossa visão para muitas outras realidades escondidas às nossas vistas e nos faz acreditar que a Educação, dentro e fora das escolas, num diálogo permanente, possa ser um desses importantes espaços de interlocução e continua sendo um lugar de esperança de um mundo mais livre, mais justo e melhor para todos. Como nos ensina um dos sujeitos da pesquisa: desejamos que a Educação seja capaz de “guardar, zelar e respeitar” esses valores universais.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, C.; Quando Cada Caso não é um caso: Pesquisa etnográfica e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Caxambu: n11, p 58, 1999.
- FREIRE. P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2001.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido**, São Paulo: **Editora** e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.
- HONNETH, Axel (2006) [2004] **La Société du mépris. Vers une nouvelle théorie critique**, traduzido do alemão para o francês por Olivier Voirol, Pierre Rusch e Alexandre Dupeyrix. Paris: Éditions La Découverte.
- MTE/SPPE. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO**, 2002. Brasília: TEM, 2002.
- OLIVEIRA. M. W. SOUZA, F.R. (Coords.) **Processos Educativos em Práticas Sociais**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- OLIVEIRA. M.W.; STOTZ, E.N. Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2004. P.1-17.
- QUIJANO, Aníbal 2005 “Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina”. **Estudos Avançados** (São Paulo), Vol. 19, Nº 55, p38.
- QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org)*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.
- ROGERS, C.R. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992